

## O VOCABULÁRIO SISALEIRO DE CONCEIÇÃO DO COITÉ E ADJACÊNCIAS

Celina Márcia de Souza Abbade<sup>1</sup> - UNEB/UCSAL

### 0 Apresentação

O trabalho em questão visa em primeira instância o resgate do patrimônio histórico e cultural das cidades do sertão baiano que possuem o sisal como fonte maior de renda, a partir do estudo lexical de documentos e textos relativos à atividade sisaleira, encontrados em cartórios, fóruns e cooperativas de Conceição do Coité e regiões adjacentes. Faz parte de um projeto maior iniciado no Campus XIV da Universidade do Estado da Bahia, desenvolvido pelo Grupo de Estudos da Linguagem, Memória e Desenvolvimento Sustentável, na Linha de pesquisa **Língua, Sociedade e Cultura**. A pesquisa visa integrar trabalhos relativos ao estudo das comunidades da região sisaleira no que diz respeito a aspectos lingüístico-culturais e desenvolver projetos que visem à implantação de um sistema social que atenda às necessidades básicas dessa sociedade, respeitando as culturas locais.

Conceição do Coité, onde está instalado o Campus Universitário da Universidade do Estado da Bahia, foi o local escolhido para dar início à pesquisa com o objetivo maior de resgatar a história cultural de seu povo, a partir do estudo lexical de uma atividade que fez a região desenvolver-se e ser conhecida internacionalmente: o cultivo do sisal.

Formado por docentes e pesquisadores do *Campus XIV* do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia, situada no município de Conceição do Coité, distante duzentos e dez quilômetros de Salvador, o **Grupo de Estudos da Linguagem, Memória e Desenvolvimento Sustentável** tem com objetivo maior resgatar a história e cultura do povo daquela região, visando um maior entendimento e resgate cultural e histórico do seu povo. O levantamento do vocabulário desta região é apenas um dos projetos do Grupo.

A pesquisa inicia-se com a busca em cartórios e cooperativas de documentos e textos relacionados à atividade sisaleira. Após o levantamento dos textos, os mesmos serão organizados para que se possa fazer um levantamento lexical. Com esse levantamento, buscar-se-á o conceito para as lexias encontradas e sua etimologia, quando possível. A partir daí, as mesmas serão dispostas em ordem alfabética para a organização do vocabulário, podendo ser estruturadas em campos lexicais, seguindo a teoria dos campos lexicais proposta por Eugenio Coseriu.

A história lingüística desde o seu começo é parte integrante da ciência cultural e esse fato nunca foi considerado de outro modo. Uma língua é a expressão completa da cultura de um povo e fazer a história da língua, é fazer a história da civilização que a utiliza. Dentro do estudo da língua de um povo, podem-se abordar vários aspectos. A pesquisa em questão tem como proposta estudar a história de um povo, através do levantamento e estudo estrutural do seu léxico.

O vocabulário de um povo diz muito sobre os seus hábitos, costumes e história. O levantamento de um vocabulário específico da Região Sisaleira poderá trazer à tona material interessantíssimo, partindo-se do pressuposto de que essas lexias reservam fatos que delineiam o perfil sociocultural daquele povo. Estes registros serão levantados a partir do estudo de textos encontrados no município de Conceição do Coité e em seguida dos outros municípios.

Na ótica da Lingüística, a língua é vista como o estudo da linguagem e a linguagem é a leitura do pensamento, não se concebendo um sem o outro. Logo, ela é o próprio elemento de comunicação social, pois não há sociedade sem linguagem ou sem comunicação. A língua como parte social da linguagem, é constituída através de signos que se combinam de acordo com leis específicas. Se a fala é individual, a língua é social, e, para que a fala se socialize, é necessário obedecer a regras sociais de acordo com os códigos estabelecidos.

Assim como Rousseau (ROUSSEAU, 2003) diz que “não se sabe de onde é o homem, antes de ele ter falado” pode-se concluir que o homem só existe histórico e socialmente quando houver linguagem para expressar essa história social. A linguagem faz parte da sua história. Essa linguagem é

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia e Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia e da Universidade Católica do Salvador, ministrando disciplinas filológicas. celinabbade@gmail.com.

expressa por palavras e essas palavras irão constituir o sistema lexical de uma língua e, conseqüentemente, de um povo. Assim, estudar o léxico de uma língua é estudar também a história do povo que a fala.

Ao deparar com o vocabulário específico de uma língua em determinada região, pode-se observar traços da língua falada naquela comunidade. O vocabulário encontrado, tanto pode diferir de um vocabulário mais antigo, como pode ter sido conservado até os dias de hoje. Desse modo, justifica-se a necessidade de um estudo das lexias relativas à atividade sisaleira, principal fonte de renda dessas regiões.

Procurar-se-á fazer um estudo lexicológico, em uma perspectiva diacrônica estrutural, enfocando-se os campos lexicais. Pretende-se, após a organização e o levantamento das lexias a serem trabalhadas, fazer-se a análise das mesmas. O objetivo dessa pesquisa é apresentar uma estruturação do léxico existente nos textos de base, organizando essas lexias em seus respectivos campos lexicais, mostrando assim que, através da teoria dos campos lexicais proposta por Eugenio Coseriu, é possível se fazer também um estudo funcional do léxico de uma língua. Com base nessa teoria, as lexias serão organizadas de maneira que todo o léxico encontrado seja estruturado nos seus devidos campos lexicais.

Como base teórica para tal proposta, seguiremos os estudos realizados e fundamentados por Stephen Ullmann e, principalmente, por Eugenio Coseriu com sua teoria do campo lexical, uma vez que se buscará nessa pesquisa um estudo estrutural do léxico encontrado. Essa teoria propõe uma análise estrutural do vocabulário, determinando o campo lexical dentro de estruturas lexemáticas no qual os lexemas constituem um sistema de oposições. Partindo-se desse princípio, será feito o levantamento das lexias nos campos lexicais propostos.

Para o levantamento e estruturação das lexias encontradas, visando-se a estruturação das lexias em campos lexicais e a elaboração de um vocabulário, serão seguidos os seguintes passos:

- \_ Levantamento das lexias, a partir do fichamento das mesmas nos documentos encontrados;
- \_ Consulta a alguns dicionários sincrônicos de língua portuguesa, estendida aos dicionários etimológicos;
- \_ Separação das lexias em campos lexicais;
- \_ Levantamento dos conceitos, a partir dos textos das edições selecionadas para a documentação do *corpus*;
- \_ Organização de um Vocabulário das lexias levantadas com a classificação gramatical das mesmas, seguida do conceito e etimologia;
- \_ Organização das lexias em seus respectivos campos lexicais.

Dessa forma, buscar-se-á o resgate da história de um povo, partindo-se do estudo lexical desse povo, através de seus textos escritos.

## 1 Conceição do Coité- onde tudo começou

Conceição do Coité é um dos municípios do sertão semiárido baiano localizado a pouco mais de duzentos quilômetros de São Salvador, a capital baiana. Fica entre a bacia do rio Jacuípe e a bacia dos rios Tocos, Boqueirão e Pau-de-Colher. Ao lado de outros municípios como Tucano, Caldeirão Grande, Quinjingue, Euclides da Cunha, Araci, Serrinha, Retirolândia, Valente, São Domingos, Queimadas, Santa Luz, Itiúba, Cansanção, Monte Santo, Riachão do Jacuípe, Campo Formoso, Jacobina, Miguel Calmon, Saúde e Senhor do Bonfim, Conceição do Coité, com seus distritos – Salgadália, Juazeiro e Bandiaçu – integra a região do Estado cuja maior atividade econômica é a cultura do Sisal, fato que denomina a região como Região Sisaleira.

A origem do nome da cidade deve-se ao coité, fruto do coitezeiro ou cuitezeiro, árvore mais sombria de região que acolhia os que por ali passavam em busca de sombra e descanso do gado.

Coité é uma palavra originada do tupi *kuie'te* 'cuia verdadeira', uma das formas variantes de *cuietê*, juntamente com outras variantes como *cuitê*, *cuité*, *cuiaté*.

Nos primeiros tempos de colonização, no século XVII, o desenvolvimento das criações de gado levou comerciantes de outras regiões como Piauí e São Francisco a enviarem seus vaqueiros para transportarem seus gados e comercializá-los nas grandes cidades e vilas existentes. Sempre conduzidas nas direções dos rios, onde encontravam água fresca e pastagens abundantes, as boiadas seguiam

fazendo as bordas dos rios de pouso. Nesses pousos erguiam-se currais que davam origem às fazendas que por sua vez, originavam os futuros povoados. Quando não encontravam um rio próximo, os vaqueiros pousavam com as boiadas sob uma árvore sombrosa qualquer, onde existisse pastagem. Em nosso município, a árvore mais frondosa então existente, era a cuítezeira. Dessa forma, as proximidades da “Fazenda Coité”, nome dado a fazenda pela abundância da cuítezeira, se tornou o marco central para o desenvolvimento da cidade, com a construção, nas suas proximidades, da primitiva capela.

Em 1855, com a criação da freguesia, a denominação “Coité” foi acrescida ganhando uma nova complementação, passando o lugarejo a ser conhecido por Nossa Senhora da Conceição do Coité provavelmente pela devoção e culto a santa. Até os dias atuais, Nossa Senhora da Conceição é a padroeira do município, com uma igreja dedicada à mesma na praça principal. A festa de aniversário do município é comemorada no dia de Nossa Senhora da Conceição com quermesses, festejos e folguedos reverenciando a padroeira.

Apesar de a freguesia existir desde o século XVII, o município só foi criado e instalado em 1890, desmembrando-se de Riachão do Jacuípe. Antes disso, passou por diversas jurisdições e pertenceu a algumas unidades administrativas. Em 1698, quando foi elevada a categoria de vila, pertenceu a jurisdição de Cachoeira, passando em 1855 para o domínio da Vila de Feira de Santana. Em 1878, quando a freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Jacuípe foi elevada à categoria de Vila, anexou-se a Paróquia de Conceição do Coité, desmembrando-se em 1890.

Por ter passado por uma fase de insustentação, o município de Conceição do Coité chegou a ser suprimido em 1931, voltando a pertencer ao território do Município de Riachão do Jacuípe. Mas em 1933, o município foi restaurado definitivamente, sendo a sede elevada à categoria de cidade em 1938. De lá para cá a cidade tem crescido e se expandido a cada dia e muito desse crescimento é devido ao sisal.

Atualmente, o município é considerado a “**CAPITAL DO SISAL**”, porque é a partir de Coité que o sisal é comercializado para outras regiões. Além do sisal que produz, a cidade recebe o produto das regiões circunvizinhas para fazer o beneficiamento do produto através das batedeiras que recebem em fibras, transformando o mesmo em fardos para exportação.

O sisal é tão importante que faz parte da bandeira da cidade simbolizando o produto agrícola que impulsionou a expansão e progresso do município.

## 2 A *agave sisalana*

No nordeste baiano, devido ao seu clima semiárido, cerca de trinta e cinco municípios compõem a chamada região sisaleira. Essa denominação se deve à cultura do sisal ou agave, planta rústica originária do México e que chegou ao Brasil sem que se saiba exatamente como. Parece que a *agave sisalana* chegou ao Brasil através de uma firma americana da Flórida em 1903. Difundida inicialmente na Paraíba, chegou depois na Bahia no município de Santa Luz, importado da Paraíba.

A partir daí, a planta progrediu se expandindo para toda região. Alguns municípios se destacaram na produção e cultivo do sisal, tornando-se referência nessa área. Podemos citar os municípios de Santa Luz, São Domingos, Valente e Conceição do Coité que hoje em dia têm a maior produção de sisal da região.

Palavra originária do hisp.-amer. ‘sisal’, o sisal (*agave sisalana*) é a fibra têxtil extraída do agave, que por sua vez deriva-se do gr. agaué ‘admirável’. O agave é a designação comum às espécies do gênero agave, da família das agaviáceas, que fornecem o sisal ou agave. A fibra das folhas dessa planta é utilizada no mercado internacional para fins comerciais, sendo empregada nas indústrias de cordas, papel, confecção, entre outras. No Brasil, os principais produtores são os estados da Paraíba e da Bahia. Atualmente o Brasil é o maior produtor de sisal do mundo e a Bahia é responsável por cerca de oitenta por cento da produção da fibra nacional.

A fibra das folhas do sisal é o que mais se utiliza dessa planta. Os fios naturais da fibra do sisal ao invés das fibras sintéticas, contribuem para a utilização e expansão dessa fibra até mesmo por questões ecológicas. Uma fibra sintética demora até cento e cinquenta anos para se decompor no solo, enquanto que a fibra do sisal, em meses, torna-se um fertilizante natural.

O ciclo de transformação do sisal em fios naturais tem início aos 3 anos de vida da planta, ou quando suas folhas atingem até cerca de 140 cm de comprimento que podem resultar em fibras de 90 a 120 cm. As fibras representam apenas 4 a 5% da massa bruta da folha do sisal. As folhas são cortadas a cada 6 meses durante toda vida útil da planta que é de 6/7 anos. Ao final do período é gerada uma haste (inflorescência), a flecha, onde surgem as sementes de uma nova planta. Uma característica da família é que a planta morre após gerar as sementes<sup>2</sup> (MEIRA, 2008).

A fibra é industrializada e convertida em fios, barbantes, cordas, tapetes, sacos e artesanato. A fibra de sisal pode ser também utilizada na fabricação de pasta celulósica, empregada na fabricação do papel Kraft, de alta resistência, e de outros tipos de papéis finos. Também é empregada na indústria automotiva, de móveis e eletrodomésticos, na mistura com polipropileno e na construção civil; mas a principal utilização é a fabricação de fios agrícolas (*twines*). O principal fio agrícola é o *baler twine*, utilizado para amarração de fardos de feno de cereais nos EUA, Canadá, Europa e, mais recentemente, no Brasil.<sup>3</sup>

Podendo ser colhido durante todo o ano, o sisal é uma planta resistente à aridez e ao sol intenso do sertão nordestino. O ciclo médio de vida do sisal comum é de oito anos, findos os quais a planta entra em floração e morre sem frutificar. O híbrido frutifica.

A sua fibra é a fibra vegetal mais dura que existe. Os fios biodegradáveis são utilizados em artesanato, na fabricação de cordas de diversas utilidades, inclusive navais, no enfardamento de forragens etc. Na indústria automobilística, as fibras do sisal podem substituir as de vidro. O sisal também é utilizado na produção de estofados; pasta para indústria de celulose; produção de tequila; tapetes decorativos; remédios; biofertilizantes; ração animal; adubo orgânico e sacarias.

Além do Brasil, alguns outros países fazem parte dos maiores cultivadores de sisal do mundo: Tanzânia, Quênia, Uganda (África Oriental), Angola, México e Moçambique.

No Brasil, Conceição do Coité é o maior produtor de sisal, liderando neste particular a zona produtora da fibra. Existem, em todo o município, centenas de bateadeiras (usinas de beneficiamento do sisal) e mais de cem máquinas primitivas e paraibanas, principais instrumentos de desfibramento do sisal.

O sisal se tornou imprescindível na economia da região noroeste da Bahia desde meados do século passado, quando surgiram as primeiras investidas no setor que se estende por diversos municípios. A Bahia responde por noventa e cinco por cento da produção nacional e cerca de setecentas mil famílias sobrevivem direta ou indiretamente do cultivo da fibra.

Conhecido como “o ouro branco” do sertão, o sisal quando surgiu da década de sessenta do século passado, era tão valorizado que a sua pouca produção (cerca de cem quilos por mês) devido ao processo ainda primitivo de desfibramento em um sistema conhecido como motor de farrancho era suficiente para atender às necessidades de uma família grande por até uma semana. Na década seguinte, com o surgimento de um motor mais moderno movido a óleo diesel, a capacidade produtiva aumentou em até trinta vezes. Mas os excessos de produção fez o preço do produto despencar. Mesmo com os preços baixos, o sisal era a fonte de sobrevivência de muitas famílias nordestinas e uma forma de viver dignamente. Durante as duas décadas seguintes, houve uma devassa nas caatingas baianas, substituídas por longos e intermináveis estaleiros verdes.

O Plano Cruzado conseguiu piorar a situação do produtor de sisal. No seu início em 1986, com todos os preços congelados, o quilo do sisal era equivalente a catorze pãezinhos franceses. No primeiro bimestre do governo Collor, essa agricultura de subsistência encontrava-se no ápice de seu declínio e o quilo correspondia a dois pães franceses. Os compradores do material alegavam não haver uma política de exportação e o mercado brasileiro não tinha condição de absorver toda a produção nacional.

---

<sup>2</sup> [www.epr.unifei.edu.br/TD/producao2008/trabalhos/trabalho26.pdf](http://www.epr.unifei.edu.br/TD/producao2008/trabalhos/trabalho26.pdf)

<sup>3</sup> Dados colhidos do site do Sindicato das Indústrias de Fibras Vegetais no Estado da Bahia (Sindifibras). Cf. <http://www.braziliansisal.com/Sindifibras.asp>. Acesso em 05.01.2009

Com isso, a oferta em excesso, desvalorizava cada vez mais o ouro branco do sertão.

Os produtores se queixavam dos baixos preços para a venda. Os atravessadores alegavam que não conseguiam exportar todo o produto que, em sua grande maioria, era destinado à Europa. Nessa época, todos os preços foram congelados, inclusive os do sisal. No entanto, quando os demais produtos da economia alavancaram a inflação do país, a fibra do sisal continuou estagnada. O quilo custava o equivalente a catorze pãezinhos franceses.

Portanto, a oferta em excesso desvalorizava cada vez mais o ouro branco do sertão. Os sertanejos passaram a utilizar a palha do sisal como ração para o gado, pois não compensava mais o desfibramento delas. Mas os motores movidos a diesel para obter a fibra do sisal custavam muito caro e, rapidamente a ração foi substituída pelo capim.

Atualmente, em média cerca de trinta por cento de toda a plantação resistiu ao tempo, sendo hoje o quilo da fibra sendo vendida por um preço equivalente a cinco pãezinhos franceses, moeda que sempre avaliou o seu preço. O cultivo hoje em algumas fábricas da região resume-se à atividade artesanal.

Algumas organizações atualmente trabalham para o resgate do desenvolvimento sustentável na região e buscam a proteção das famílias que ainda sobrevivem do cultivo do sisal. Podemos citar:

- CODES Sisal (Conselho de Desenvolvimento Sustentável do Território do Sisal)- composto por entidades governamentais e não governamentais, sociedade civil e poder público, o CODES tem a missão de contribuir para o desenvolvimento integral, participativo e ecologicamente sustentável da região sisaleira, priorizando o fortalecimento da cidadania, a erradicação da exclusão social e a melhoria da qualidade de vida, através da articulação dos sujeitos e das políticas públicas e apoiando e incentivando ações e projetos referenciais<sup>4</sup>;
- APAEB Valente (Associação de Desenvolvimento Sustentável Solidário da Região do Sisal)- localizada no município de Valente, a APAEB emprega cerca de 800 pessoas diretamente, mantendo uma das maiores indústrias de tapetes e carpetes de sisal do país, além de uma escola agrícola, um latícinio dentre outras atividades como assistência técnica rural<sup>5</sup>;
- MOC (Movimento de Organização Comunitária)- com sede em Feira de Santana, é conhecida por ser a terceira maior ONG do país. O MOC atua através de parceria com instituições da sociedade civil, prestando assessoria técnica e pedagógica, e promovendo campanhas com objetivos comunitários.<sup>6</sup>

Quando o sisal surgiu, ele era muito mais do que um meio de sobrevivência, era uma identidade para as pessoas que dele tiravam o seu sustento. Na região sisaleira, a sociedade se dividia em: fazendeiros de gado, donos de motor e comerciantes. Mas apesar do sisal ser o combustível que impulsionava a economia local, existia um preconceito muito grande com a atividade, ao ponto de os trabalhadores serem chamados de peões de motor, ou seja, giravam em torno de si e não chegavam a lugar algum. Apesar de mais ricos do que os outros que viviam de atividades diferentes, os “donos de motor” não se misturavam aos circuitos urbanos, pois eram discriminados sendo sempre “os homens da roça”.

O trabalho infantil formava boa parte do contingente de trabalhadores de motor e consumia em média oito horas do dia das crianças. Os “filhos do sisal” eram discriminados nas escolas e muitas vezes, pelo excesso de trabalho e discriminações que sofriam, acabavam desistindo dos estudos para seguir o caminho dos pais.

Até hoje as crianças continuam trabalhando nessa atividade e existe uma hierarquia de acordo com a faixa etária para a realização das atividades: uma criança de cinco anos puxa o cabresto do jumento, para que as mães ou irmãos mais velhos construam a carga de palha sobre o lombo do animal. Quando já alcança as ancas do jumento, por volta dos sete ou oito anos, deve ter autonomia para carregar sozinha a palha. Após os dez anos, a criança já pode cortar a palha, uma atividade das mais requisitadas, que dá mais credibilidade. Ser um bom cortador é sinônimo de emprego garantido. Após esse processo a palha cortada é levada pelo o carregador, tarefa também das crianças ou mulheres, até as proximidades do motor. A tarefa agora fica a cargo do cevarador, que vai cevar o sisal para extrair a fibra. Essa atividade demanda muita força física e é realizada pelos homens. O

<sup>4</sup> [www.abracosisal.org.br](http://www.abracosisal.org.br)

<sup>5</sup> [www.apaeb.com.br](http://www.apaeb.com.br)

<sup>6</sup> [www.moc.org.br](http://www.moc.org.br)

procedimento é muito perigoso e responsável por inúmeras triturações de braços durante o processo de sevagem. Ainda existe o resideiro que vai fazer a limpeza das máquinas.

O trabalho infantil, apesar de lutas de algumas ONGs tentando erradicá-lo, os menores continuam sendo o carro-chefe nos estaleiros de fibra da região noroeste da Bahia.

O ano de 2009 foi instituído pela ONU como o Ano internacional das fibras naturais. E, já que o sisal brasileiro é natural, biodegradável e renovável, a escolha não poderia ser melhor. A versatilidade de suas características técnicas e a sua sustentabilidade faz com que grandes marcas dos mais diversos setores, utilizem ou busquem uma forma de utilizar o sisal em seus produtos.

Ainda assim, o aproveitamento da planta é muito baixo e apesar do Brasil ser o maior exportador de sisal do mundo, tendo a Bahia, Paraíba e Rio Grande do Norte como maiores produtores nacionais, apenas cinco por cento do sisal é extraído para seu uso mais comum, que é a fabricação de cordas. Com estudos e pesquisas desenvolvidos dentro e fora das universidades, novas possibilidades de uso da planta surgem como alternativa para revitalizar a atividade, que teve seu apogeu na década de 60, mas hoje busca novos mercados que possam novamente estimular os pequenos e médios produtores do setor.

### 3 O vocabulário sisaleiro

Tomando como base a teoria dos campos lexicais proposta por Eugenio Coseriu, as lexias que designam a atividade sisaleira serão organizadas em seus devidos campos lexicais.

Entende-se, aqui, *lexia* como a unidade funcional significativa do discurso que se opõe ao morfema (menor signo lingüístico) e à palavra (unidade mínima construída). Nessa perspectiva, o *lexema* é uma unidade abstrata mínima, distintiva do sistema semântico de uma língua que reúne todas as flexões de uma mesma palavra, flexões essas comumente vistas como palavras diferentes. Para E. Coseriu, o *campo lexical* seria um *paradigma lexical*, surgido a partir da subdivisão de um conteúdo léxico entre unidades diversas que têm oposição entre si em função de traços simples de distinção de conteúdo. (ABBADE, 2003. p. 2)

As entradas lexicais são organizadas em seus respectivos campos, partindo-se sempre das lexias mais genéricas para as mais específicas. A seguir, vem a classificação gramatical seguida da etimologia, quando encontrada, e do conceito.

A teoria dos campos lexicais, segundo a direção estrutural proposta por Coseriu, visa a que cada campo conceitual tenha um conteúdo unitário e que esse conteúdo se subdivida através de oposições entre os termos (palavras) a que pertençam. Assim, um campo se opõe a outros campos pelo seu valor unitário. Em outras palavras, um campo se estabelece através de oposições simples entre as palavras, e termina quando uma nova oposição exige que o valor unitário do campo se converta em traços distintivos onde não só as palavras se opõem entre si, mas uma oposição de ordem superior opõe campos lexicais distintos. Os campos podem ser mais ou menos complexos e disso vai depender a organização dos mesmos. (ABBADE, 2003. p. 35)

Como a pesquisa encontra-se ainda em sua fase inicial, faremos aqui uma pequena demonstração de algumas lexias já encontradas até então, distribuídas em três campos lexicais: O campo lexical do preparo da área, o campo lexical do beneficiamento do Sisal e o campo lexical dos trabalhadores do sisal.

#### O campo lexical do preparo da área

LIMPEZA	Qualidade de limpo. Para o plantio das mudas (rebentos), o terreno deverá estar livre de plantas invasoras. Desta forma, o preparo do solo
---------	--

	poderá ser realizado com aração ou gradagem.
ARAÇÃO	Preparo do solo para o plantio das mudas, onde um terreno é revolvido utilizando-se um arado para descompactar a terra para um melhor desenvolvimento das raízes, nivelar o terreno e eliminar ervas daninhas.
GRADAGEM	Preparo do solo para o plantio das mudas utilizando-se uma grade que deve ser leve para nivelar o terreno e eliminar ervas daninhas. Essa etapa ocorre após a aração pois o solo ainda poderá conter muitos torrões, o que dificultaria a emergência das sementes e o estabelecimento das culturas. Com a utilização do implemento grade, os torrões são desfeitos e a superfície do solo torna-se mais uniforme.
ADUBAÇÃO	Ato ou efeito de adubar 'fertilizar com adubo, estrumar'.
ESPAÇAMENTO	Ato ou efeito de espaçar, abrir intervalos entre. O espaçamento está na dependência da origem das mudas, se foi produzida por sementes ou por estacas (clones). Para o cultivo do sisal, elas precisam ficar dispostas em fileiras simples com o espaçamento de 3,0m. (fileiras) x 0,8m. (plantas) plantando-se 4.166 mudas num hectare. Em fileiras duplas 3,5m. x 1,0m. x 0,8m.
CAPINAR	Limpar (a planta, plantação, terreno) de capim ou de qualquer erva má que nasce entre a plantação.
ROÇAR	Pôr abaixo (vegetação), cortar, derrubar.

### O campo lexical do beneficiamento do Sisal

LIMPEZA	Esta operação visa remover o pó e o tecido parenquimatoso aderido aos feixes fibrosos, além de retirar as fibras de pequeno comprimento, o que resulta em um produto limpo, brilhoso, macio e valorizado.
DESFIBRAMENTO	Consiste na eliminação da polpa das fibras mediante a raspagem mecânica da folha, através de rotores raspadores acionados por um motor diesel. Deve ser feito logo após a colheita quando a folha é golpeada violentamente e, por raspagem, elimina-se a polpa que envolve as fibras. Uma máquina, operada por dois homens, pode beneficiar 6.000 folhas ao dia (90 a 120Kg. de fibras).
SECAGEM	Ato de secar as fibras. Após desfibramento estendem-se as fibras para secagem em espaldadeiras de arame (se possível) ao sol. Dois dias de sol são suficientes para se ter fibras secas e alvas. Fibras deixadas à noite no campo devem ser recolhidas após mais três horas de exposição no dia seguinte, por volta das dez horas da manhã.
ARMAZENAMENTO	Ato o ato ou efeito de armazenar as fibras secas que devem ser arrumadas bem estendidas e sem dobras, em feixes de quinze a vinte quilos sobre estrados de madeira, em local arejado, fresco, livre de umidade. É preciso verificar diariamente o estado das fibras (livres de fungos, goteiras, outros) e meter a mão entre as fibras, pois se a temperatura estiver maior que a ambiente é preciso abrir os fardos e colocar as fibras ao sol.
PENTEAMENTO	Antes de serem colocadas em fardos, as fibras são escovadas e classificadas para só então serem empacotadas.
ENFARDAMENTO	É o acondicionamento das fibras em fardos para o seu transporte até a indústria de fiação.
PRENSAGEM	Operação de prensar, comprimir na prensa, apertar muito. Os fardos são preparados em prensas mecânicas ou hidráulicas, dotadas de

	caixões de dimensões médias de 150 x 50 x 70 cm, podendo variar entre 200 e 250 kg. <sup>7</sup>
--	--

### Campo lexical dos trabalhadores do sisal

CORTADOR	É aquele que colhe as folhas das plantas, cortando-as com um instrumento denominado foice; o número de pessoas envolvidas nesta atividade pode variar de uma a três.
ENFEIXADOR	O trabalhador que amarra as folha em forma de feixes que serão transportados até a máquina de desfibramento.
CAMBITEIRO	Quem recolhe os feixes e os transporta até a máquina, no dorso de asininos ou muares <sup>8</sup> ;
PUXADOR	É o responsável pela operacionalização da máquina – esta atividade envolve uma ou duas pessoas.
FIBREIRO	Quem faz o abastecimento da máquina com as folhas e pela recepção das fibras, que são pesadas com umidade – esta atividade poderá ser realizada por uma ou duas pessoas.
BAGACEIRO	É o trabalhador que retira da máquina os resíduos do desfibramento – esta atividade pode envolver uma ou duas pessoas.
LAVADOR	Quem lava, seca e armazena a fibra.
DEFIBRADOR	É o proprietário do motor.
RESIDEIRO	Quem vai fazer a limpeza da máquina.
AGENTE DE COMPRA	O intermediário que comercializa a fibra bruta ou aquele que beneficia em sua bateadeira para depois entregá-la à indústria ou ao exportador
EXPORTADOR	Aquele que exporta o produto

### Referências

- ABBADE, Celina M de S. *Campos lexicais no livro de cozinha da infanta D. Maria*. Salvador 2003. Tese de doutoramento. Programa de Pós- Graduação em Letras e Linguística. Instituto de Letras. UFBA 2003.
- ABBADE, Celina M. de S. *O estudo do léxico*. In: TEIXEIRA, Maria C. R. et al.(org.) *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*, Salvador, Quarteto, parte 3,, 2006, p. 213-225.
- BARRETO, Artur Franco. BARBOSA, Johan Kely Alves. *Mecanismos de resistência à seca que possibilitam a produção em condições do semi – árido nordestino*. Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós – Graduação em Agronomia, Campus III - Universidade Federal da Paraíba, 2001, disponível em <http://www.ufrb.edu.br/>. Acesso em 02.02.2009
- COSERIU, Eugenio. *Princípios de semântica estrutural*. Vers. esp. de Marcos Martinez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1977. p. 210-42.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- FERREIRA, Aurélio. B de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1ª ed. 1975.
- Guia Rural Plantar. São Paulo: Editora Abril S.A, 1991. Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola Sistema de Produção de Sisal Comunicado Técnico nº 12 Nov. 1995, disponível em [www.seagri.ba.gov.br/Sisal.htm](http://www.seagri.ba.gov.br/Sisal.htm). Acesso em 05/01/2009
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário HOUAISS da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

<sup>7</sup> Na faixa de tecido, sobre o fardo, devem constar as seguintes informações, em caracteres perfeitamente legíveis: produto, safra, lote, nº do fardo, nome da prensa, classe, tipo, peso bruto, local de prensagem, cidade, unidade federativa e data da prensagem.

<sup>8</sup> Animais da família dos burros e mulas.

- MATTOSO, L. H. C.; FRAGALLE, E. P. *Uso de fibras vegetais na indústria automobilística: necessidade ecológica, oportunidade para o Brasil*. Polímeros: Ciência e Tecnologia, v.4, n. 1, p. 9-1, 1996.
- MEIRA, Diesley Moreira. *Utilização de materiais compósitos alternativos em prol da mobilidade*. Universidade Federal de Itajubá - Instituto de Engenharia de Produção e Gestão, disponível em [www.epr.unifei.edu.br/TD/producao2008/trabalhos/trabalho26.pdf](http://www.epr.unifei.edu.br/TD/producao2008/trabalhos/trabalho26.pdf). Acesso em 05.01.2009
- OLIVEIRA, Vanilson. *Conceição do Coité: a capital do Sisal*. 2. ed. Conceição do Coité: Gráfica Clip. 2001.
- PARCERO, Lúcia Maria de Jesus. *Fazenda Maracujá: sua gente, sua língua, suas crenças*. Campinas, SP, 2007. Tese de doutoramento. Programa de Pós- Graduação Lingüística da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2007.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Ensaio sobre a origem das línguas*. Trad. de Fernando Guerreiro. Lisboa: Estampa, 1981.
- ULMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Trad. de J. A. Osorio Mateus. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1970.